

A PARCERIA ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA: REFLEXÕES A PARTIR DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

Rafaella Almeida Aragão¹
Ms. Alessandra Maria Sousa Silva²

RESUMO

O presente trabalho abordará algumas análises sobre a relação família e escola, com destaque para os dilemas e as questões que giram em torno dos desafios de se efetivar essa parceria. A família é compreendida por diversas configurações, considerando o ponto de vista econômico, afetivo, histórico e social. Diante dessa discussão, o objetivo foi problematizar as (im)possibilidades de parceria inerentes a relação família-escola. A metodologia foi qualitativa, com uso da observação participante e a realização de duas entrevistas semiestruturadas. A observação participante foi realizada a partir da inserção na escola e os dados foram registradas em diários de campo. A base foi a análise de conteúdo, com auxílio do software atlas T.i 1.6. Partimos de 3 categorias teóricas, a saber: parceria família e escola; processos de escolarização; desafios da Psicologia Educacional/Escolar. Os resultados sinalizaram um distanciamento entre a escola e a família, responsável por produzir relações atravessadas por dilemas que podem comprometer a ideia de parceria. Assim, a ideia de parceria família e escola pode ocupar o lugar ilusório do impossível, se idealizada a partir de uma ideia de escolarização institucionalizada e caracterizada pelo distanciamento entre família e escola. Com isso, urge uma Psicologia Educacional que priorize a dimensão histórica e cultural das relações sociais, das famílias e da própria escola.

Palavras-chave: Família. Escola. Psicologia Histórico-Cultural.

INTRODUÇÃO

Este estudo se situa no encontro entre dois campos de estudo e atuação, a Psicologia da Educação e a Psicologia Social, e se voltará fundamentalmente a discussão sobre as questões e dilemas da parceria entre família e escola. O interesse pelo tema vem de algumas experiências em trabalhos realizados em escolas públicas onde a inquietação me gerou a curiosidade em compreender como as entrelinhas presentes na relação social da família que não comparece à escola, ou que não tem condições de acompanhar seus filhos no cotidiano escolar.

Ao abordar a relação escola e família, buscaremos tornar mais visível os modo de educar e de que maneira isso gera implicações para o papel da família e da escola. Dessa forma, nosso intuito é compreender como vive a família e como se dá sua relação com a escola que, geralmente é atravessada por discursos de teor acusatório, envolvendo uma suposta ausência da vida escolar de seus filhos. Assim, se faz preciso problematizar em que medida essa ausência dos

¹ Psicóloga formada pela Faculdade Luciano Feijão (FLF), em Sobral-Ce. E-mail: rafi_nha_aragao@hotmail.com

² Doutoranda em Psicologia, pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora da Faculdade Luciano Feijão (FLF), em Sobral-Ce. E-mail: alexsandramss88@gmail.com

familiares em reuniões escolares e encontros pedagógicos pode influenciar a aprendizagem da criança. Essa discussão carece de uma análise mais profunda, que considere também o discurso da família sobre sua relação com a vida escolar de seus filhos.

A Psicologia Social articulada com a Psicologia Educacional pode nos abrir um leque de possibilidades de reflexão e atuação, que nos leve a considerar a importância de conhecer a realidade dessa família, procurando não culpabilizá-la por essa ausência, mas tentando compreender os fenômenos em sua complexidade histórica e cultural que pode influenciar no afastamento ou aproximação dos responsáveis da rotina escolar de seus filhos. Constatamos que isso como uma necessidade antiga, atual e urgente, uma vez que é cada vez mais forte o fato de que “os professores e outros agentes da educação passam a reclamar do desinteresse dos pais, principalmente das camadas populares, para com a educação dos filhos” (FARIA FILHO, 2000, p. 45) e pouco sabemos em que medida isso influencia a aprendizagem e desenvolvimento da criança e como lidar com isso, enquanto profissionais da educação.

A discussão sobre aprendizagem e rendimento escolar é muito exaltada no contexto educacional atual, como problemática urgente e complexa. De acordo com Patto (1987), o fracasso escolar é um fator que atinge em maior escala as crianças pobres, do que as que vivem uma situação financeira mais confortável para estar em uma escola de rede particular, onde há toda melhores condições para esse aluno estudar. Essa desigualdade acaba interferindo na relação que a família possa vir a ter com a escola, pois a mesma já sofre com essa marginalização social, quando somada a cobrança advinda da escola, pode reforçar seu afastamento. Compreender essa distância, e até que ponto essa ausência significa apatia ou envolve outras questões, se faz importante para pensar em intervenções psicossociais que possam contribuir com aprendizagem e desenvolvimento da vida escolar das crianças. Estudar a relação da criança com a escola exige compreender e aprofundar também no contexto de vida de seus familiares. Assim, relação da escola com a família pode se dá de inúmeras formas, a depender dos fatores envolvidos que influenciam essa relação.

Faria Filho (2000) afirma que a tradição de escolarização das famílias, classe e as condições sociais da família, o contexto urbano ou rural, a quantidade de filhos, se os responsáveis trabalham ou não e com que trabalham, são alguns dos fatores que podem gerar impactos positivos e, ou negativos para essa relação. Além disso, vemos hoje que as discussões sobre educação destacam fortemente a importância do diálogo e da participação da família da

escola. No entanto, pouco se avança quando se fala em mostrar a realidade vivida por essa família, seu modo de vida, seus valores, suas crenças, bem como suas possibilidades subjetivas e objetivas de estabelecer essa relação de participação tão esperada e exigida pela escola. A escola constrói um lugar ideal para a família, que é o lugar da participação não só nas reuniões escolares, mas também no cotidiano de aprendizagem da criança, mas se frustra quando entra em contato com o lugar real, que é aquela família que não se faz presente ou se faz presente apenas quando a criança apresenta mal comportamento na escola e ainda assim delega a responsabilidade à escola, lidando de uma forma escolarizada com o problema do fracasso escolar (FARIA FILHO, 2000).

Em vista disso, é posto que a inserção da família na escola é fundamental para a internalização dos processos sociais vividos, bem como para a aprendizagem e desenvolvimento das crianças. No entanto, o que ocorre é que as famílias das escolas públicas não têm consciência da importância de seu papel, por não ter acesso ao conhecimento científico e as teorias de desenvolvimento, tal como afirma Souza (p.6, 2009): “(...) os pais têm pouco ou nenhum conhecimento sobre características de desenvolvimento cognitivo, psíquico e tão pouco, entendem como se dá a aprendizagem, por isso a dificuldade em participar da vida dos filhos”.

O que pode ocorrer também, mesmo para o caso das famílias que tem consciência de seu papel na vida escolar das crianças, é a pouca abertura e o pouco acolhimento da escola para compreender e considerar a realidade psicossocial vivida por aquela criança e sua família. O que muitas vezes é a pouca interação da escola com a família ou quando há interação, a família não se sente convidada à escola, mas sim convocada, para tratar de algum problema apresentado pela criança. Assim, essa interação parece estar atravessada por condições de negação e cobrança. Um outro viés é preciso ser dado, pois como defende Souza (2009, p 07) “A interação família/escola é necessária, para que ambas conheçam suas realidades e suas limitações, e busquem caminhos que permitam e facilitem o entrosamento entre si, para o sucesso educacional do filho/aluno”. As teorias apontam para a importância dessa parceria, e a realidade do cotidiano da educação confirma essa informação. No entanto, é preciso estudar e compreender a complexidade da participação da família no âmbito escolar, reconhecendo que cada família perpassa por dificuldades particular de cada um:

“[...] tanto a família quanto a escola desejam a mesma coisa: preparar as crianças para o mundo; no entanto, a família tem suas particularidades que a diferenciam da escola, e suas necessidades que a aproximam dessa mesma instituição. A escola tem sua

metodologia e filosofia para educar uma criança, no entanto ela necessita da família para concretizar o seu projeto educativo” (PAROLIM, 2003, p. 99).

Esse cenário justifica a necessidade de ampliar a leitura acerca desse objeto de estudo família-escola e trazer à tona as variáveis presentes nessa complexidade, de modo mais comprometido com a problematização de uma parceria real, em detrimento da ideal. A importância dessa questão tem como raiz a constatação de que, de algum modo, seja direto ou indireto, a escola se faz presente no cotidiano da família. Frente ao exposto, temos como objetivo problematizar as (im)possibilidades de parceria inerentes a relação família escola.

METODOLOGIA

Esta foi uma pesquisa qualitativa, que se difere do quantitativo por serem de naturezas diferentes e não tem como foco a produção de dados estatísticos numéricos. Enquanto cientistas sociais que trabalham com estatística apreendem dos fenômenos apenas a região "visível, ecológica, morfológica e concreta", a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas (MINAYO, 2011, p.22). Assim, partindo dessa consideração, tomaremos a realidade social como ponto de partida e focaremos nos significados subjetivos construídos pelas famílias e as possibilidades de parceria com a escola. Para coleta dos dados foram utilizadas observações e entrevistas.

A observação é uma técnica de grande relevância para o pesquisador, pois permite trazer à tona sua subjetividade, pautando-se na ideia de que não há neutralidade nesse processo. Além disso, o pesquisador também produz a realidade pesquisada, conforme Minayo (2011, p. 17) “[...] a atividade básica da Ciência na sua indagação é construção da realidade”. É no ato da pesquisa que se vincula pensamento e ação, em que o pesquisador pode ampliar novos horizontes e uma nova perspectiva sobre o tema, buscando assim, novas possibilidades de intervenção.

A entrevista foi um dos meios de coleta de dados, realizada de uma forma prévia, buscando alcançar os conteúdos e questões a serem estudadas, da maneira mais completa possível (ARNOLDI, 2006). Neste estudo, optou-se pela entrevista semiestruturada, realizada individualmente com representantes das famílias.

Para registrar os dados, foram construídos diários de campo, como um modo de sistematizar as percepções e sentidos construídos pela pesquisadora, no ato da observação. Foi um modo de considerar a dimensão subjetiva da pesquisa e registrar dados não capturados por áudio. O diário de campo segundo Lewgoy, Arruda (2004, p123-124): “É um documento que apresenta um caráter descritivo analítico, investigativo e de sínteses cada vez mais provisórias e reflexivas”. Portanto, o diário de campo é relevante para os registros das observações e dos comportamentos não verbais manifestados na entrevista, sendo um meio que auxiliará na descrição e reflexão sobre a percepção das famílias acerca do tema em questão. Para registrar os dados da entrevista utilizamos gravação de áudio, visando alcançar os detalhes a entrevista e facilitar o momento da análise e discussão dos resultados. A escola foi a mediadora que permitiu o acesso às famílias pesquisadas. Foram selecionadas, junto com o grupo gestor, algumas famílias consideradas parceiras e outras consideradas não parceiras da escola. Assim, a entrevista foi realizada com duas representantes de cada família.

Os dados foram analisados através da análise de conteúdo (BARDIN, 2009). As categorias centrais nesse estudo foram: parceria família e escola; processos de escolarização; desafios da Psicologia Educacional/Escolar. Sobre o compromisso ético, ressaltamos que pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa na Universidade Valeu do Acaraú – UVA, através do Sistema Plataforma Brasil CAAE: 74723217.7.0000.5053.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste tópico, serão analisados e discutidos os dados relacionados a parceria família e escola e suas implicações para aprendizagem e desenvolvimento infantil; as peculiaridades e questionamentos do processo de escolarização e, por fim, os desafios para a Psicologia Educacional/Escolar. O marco teórico deste estudo, parte Psicologia Educacional e suas interfaces com a Psicologia do desenvolvimento, com ênfase na perspectiva histórico-cultural.

A RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA: O QUE TEMOS A DIZER SOBRE AS (IM)POSSIBILIDADES DESSA PARCERIA?

O conceito de família mostra-se fundamental, pois não estamos falando da família tradicional tão somente definida por um pai ou uma mãe, entendendo que este modelo passou por algumas modificações com o decorrer dos tempos, existindo hoje, diversos tipos de famílias. “É preciso levar em conta a família vivida e não a idealizada, ou seja, aquela na qual se observam diversas formas de organização (...)” (JOSÉ FILHO, 2007, p.142). Dessa forma, a sociedade vem se transformando e com isso o conceito de família passa a ser visto de uma maneira mais ampla. Sob o ponto de vista das classificações dos tipos de famílias atuais, é fundamental compreender a relação de família e filhos tendo como base o vínculo de afetividade tecido entre seus membros. Muitas vezes esse pai ou mãe vão ser representados na escola por um tio, vizinho, irmão, avô, avo, ou um amigo que toma de conta da criança enquanto os responsáveis estão fora de casa. Nesse sentido isso fica expresso no cotidiano das famílias: *“As famílias que estavam presente se manifestaram gostando da ideia e dizendo que tinha um tio, primo, amigo, vizinho que era como se fosse pai ou mãe de seus filhos”* (DIARIO DE CAMPO, p. 7). Para melhor compreender isso, podemos recorrer também ao conceito de Carvalho (2002, p.93):

“De fato, a família é o primeiro sujeito que referencia e totaliza a proteção e a socialização dos indivíduos. Independentemente das múltiplas formas e desenhos que a família contemporânea apresenta, ela se constitui num canal de iniciação e aprendizado dos afetos e das relações sociais”.

Diante disso, há uma necessidade de se pensar nesta relação família com a escola, considerando as especificidades de cada parte, com seus valores e objetivos próprios no que diz respeito a educação, sendo impossível separar a condição de filho e aluno. Nesse contexto, é fato que existe um discurso colocado de que quanto maior a relação entre família e escola melhor será o desempenho e o aprendizado dos filhos/alunos, construindo a ideia de que essa relação de parceria se faz importante para o crescimento e aprendizagem e formação social da criança. Nessa visão, fica naturalizada a ideia de que se a família não cumpre seu papel de acompanhar seu filho, este aluno estará fadado ao fracasso escolar. No entanto, a visão que essa família tem é que:

“A escola serve para eles aprenderem a ler, escrever e a saírem da rua e não usarem drogas eles podem ter um futuro bom lá na escola, isso a gente sabe que lá na escola podem ensinar a eles a serem gente de futuro” (ORQUÍDEA, E2, p. 01)

Vemos que o sujeito mesmo sem ter uma compreensão específica sobre o desenvolvimento cognitivo e aprendizagem da criança, demonstra ter consciência da importância do papel da escola para aprendizagem e para o futuro de seu filho. Entende-se que a escola é um espaço onde toda criança deve estar inserida, onde professores e alunos devem conviver e também onde a família deve assumir um determinado lugar. Os cuidados com as crianças, o desempenho positivo ou negativo, a relação com a escolaridade, tudo isso leva a preponderância da relação família-escola e exige um estudo mais aprofundado acerca das questões que afastam e, ou aproximam essa família da escola e do cotidiano escolar de seus filhos. Pensando com Vygostky (2007), não nascemos humanos, nos tornamos humanos na nossa relação com o mundo e essa relação é influenciada por processos pedagógicos e educacionais, situados no contexto familiar, no espaço da escola e até mesmo fora dela: *“A escola dos meus filhos é limpa, arrumada, colorida e tem merenda todos os dias, eles adoram ir para lá até por que tem lanche especial ganham frutas, porque aqui em casa não tem muita fruta (risos), nunca tem”* (Orquídea, E1, p. 01).

Além da condição de pobreza visível pela a falta da alimentação nutritiva trazida na fala acima, vemos também que está implícito a visão que a família pobre tem sobre a escola, completamente influenciada por sua condição de vida, pela a falta do alimento que não tem em casa, mas a criança pode encontrar na escola. É na escola que a criança aprende a seguir regras estabelecidas pelos outros, como seus professores, a construir confiança no que ele fala e o sentimento de segurança, e até mesmo valores humanos como respeito, solidariedade, amizade, dentre outros. O reflexo disso é que pouco se tem espaço que favoreça que a família possa repensar sua função, bem como para a escola refletir sobre sua importância para o desenvolvimento da criança. Para abordar a complexidade dessa discussão é preciso pensar além da visão que dicotomiza família X Escola, ou se restringir a ideia de que o aluno poderá ser prejudicado por essa falta de acompanhamento escolar, é preciso trazer à tona os possíveis motivos que levam a família para junto ou para longe da escola, como e em que condições psicossociais essa família vive e como ela compreende o lugar da escola na vida da criança.

OS DESAFIOS DO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO

Quando falamos em escola, estamos nos referindo desde o grupo gestor, os professores, as merendeiras, os vigias e todos que compõem essa rede, pois esses estigmas construídos transitam por todos os espaços da escola. O próprio professor, muitas vezes, usa de um discurso preconceituoso, onde ele diz, até na presença da criança, que sua família não está preocupada com ela, ou que sua família não comparece a escola porque não quer. Isso pode gerar implicações psicológicas e emocionais para o desenvolvimento desse sujeito. Podemos perceber esse pensamento em uma observação registrada em diário de campo que mostra um discurso comum entre os professores de escola pública: *“A maioria das professoras reclamam da falta de compromisso da família com a escola, com seus filhos, dizendo que tem criança que a professora não sabe nem se tem uma mãe”* (DIÁRIO DE CAMPO, p. 01). O que se viu, com esse estudo é que esse professor precisaria, conhecer, de fato, a realidade que está família pobre passa e as possibilidades de existência desse compromisso que deve ser via de mão dupla.

Alguns estudos, tais como Paro (2000), Clandinin e Connelly (2005), ao abordar a influência da família na escolarização dos filhos, têm apontado a importância da relação família-escola e a necessidade de amenização dos conflitos entre essas duas instituições educativas. Algumas medidas de aproximação, em muitos casos, estão voltadas para a diminuição da distância entre família e escola, e geralmente se fundamentam na postura e nas concepções presentes nos educadores da instituição escolar. Assim, a influência da família na escola pode assumir diferentes dimensões, dependendo da ênfase e dos objetivos que subsidiam as ações das escolas, como por exemplo, aspectos financeiros, administrativos ou pedagógicos (PEREZ ARGENTI, 2000). Em muito dos discursos de alguns professores fica notório a incompreensão ou a falta de interesse em buscar um entendimento ao que se refere a participação dessa família a escola, isso fica perceptível na fala da professora com os alunos.

“A professora chama a atenção da sala para a reunião que aconteceu em que eles têm que lembrar seus pais de participarem, nessa hora ouço os barulhos já de alguns dizendo que sua mãe não vai, a outra diz que o pai tem que trabalhar, outro diz minha vó não tem tempo para essa besteira não tia, a professora explica que é importante que à família venha” (DIÁRIO DE CAMPO, p. 01)

No trecho acima faz referência a relação família e escola supondo a necessidade e importância de uma parceria. No entanto, isso precisa ser questionado, pois a escola busca normatizar a família dentro dos padrões exigidos por ela, tentando enquadrar a família ao modo

de funcionamento da escola tornado assim uma parceria impossível, pois cada família tem seu modo de vida diferente e que não cabe dentro de um padrão a qual a escola deseja. É preciso perceber que, “de um modo geral, a ideia de parceria entre a família e a instituição escolar já se tornou uma espécie de dogma” (SILVA, 2003, p. 27). A escola busca idealizar um a parceria, sem procurar compreender as dificuldades que as famílias enfrentam no seu cotidiano, e assim a família por sua vez pode criar, uma relação de afastamento, por não se sentir compreendida, e se vê numa posição de julgamento e cobrança. Desse modo, temos um impasse quase inconciliável em que a escolarização da criança pode ficar comprometida, gerando inclusive, consequência psicossociais e emocionais para o desenvolvimento dessa criança.

Quando se analisa essa questão escola, família e educação, é preciso compreender que não compete só à família se fazer presente no espaço escolar, mas é preciso ampliar o modo de enxergar essa relação. Devemos nos direcionar na busca do entendimento da relação entre ambas as instituições, conhecendo e respeitando as dificuldades e diferenças de cada um, e, assim, procurar buscar a melhor forma de escolarizar e educar as crianças. À medida que a escola se coloca na posição de desconhecadora do modo de vida dessa família, deixa de enxergar aspectos fundamentais, que poderiam contribuir com a redefinição desse olhar, e com novos modos de lidar com seu público. Vendo de outro ângulo, a escola poderia criar espaços diferenciados em que a família pudesse ser convidada, não só para reuniões escolares, mas também para momentos de lazer, interações sociais, vinculações positivas, indo para além de somente reuniões convocatórias, com teor punitivo.

A PSICOLOGIA EDUCACIONAL/ESCOLAR: OLHARES E SENTIDOS

Segundo a Psicologia Histórico-Cultural, de Vygotsky, o processo de aprendizagem de uma criança é algo que deve ser cuidadoso e complexo, pois é onde ela começa a dar significados a suas curiosidades e relações com os outros, uma vez que a educação como dito por Both *et al.* (2005) é um processo social, é desenvolvimento, é algo para a vida toda e não só para um único momento, e com isso a escola tem responsabilidades por essa educação que se levará para vida toda. A especificidade da contribuição da escola para a aprendizagem da criança, está no que Vygotsky (1988), chama de formação de conceitos. Para as crianças é baseada nas suas

lembranças e experiências cotidianas, assentando-se no que ela vê e aprende em sua vida, com a intervenção da escola e do professor, ela desenvolve esses conceitos.

Rego (2011), sob a lente da Teoria Histórico-cultural, pautando-se numa leitura de Vygostky, afirma que a criança já chega na escola com um conhecimento prévio, chamado de conhecimento espontâneo, aquele adquirido nas suas relações sociais cotidianas, incluindo a família. O papel da escola é organizar, sistematizar e aprimorar esses conhecimentos, transformando-o em conhecimento científico. Por exemplo, quando a criança chega na escola, ela chega sabendo falar o suficiente para se comunicar com o outro, mas é na escola que ela aprende sobre conjugação verbal e gramática, através de um ensino sistematizado, que o fará aprender e falar corretamente do ponto de vista gramatical. *“A escola é onde eles aprendem, e não ficam o dia todo no meio da rua falando palavrão, é onde eles vão ter um bom emprego que não seja em casa de família ne? (...)” (Orquídea, E1, p. 01).* Desse modo, temos que o papel da escola é ensinar esse conhecimento científico, considerando o conhecimento espontâneo, tendo o professor como um dos principais mediadores desse processo. No entanto, esse processo de mediação não é estritamente cognitivo, mas deve considerar a complexidade da subjetividade humana.

Para Vygotsky (2007), a zona de desenvolvimento proximal (ZDP) é a relação do nível de desenvolvimento real (atual), considerando toda a historicidade do sujeito, e o nível de desenvolvimento potencial o que está prestes a acontecer, visando a solucionar e desenvolver os problemas através da mediação do outro. Na escola, a criança chega com demandas específicas que foram construídas socialmente a partir da sua cultura e historicidade, a partir do processo de mediação, o professor e as outras crianças ao intervir na ZDP umas das outras, facilitam esse processo de aprendizado e desenvolvimento da criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alcançamos os objetivos propostos nesse estudo, à medida que problematizamos as (im)possibilidades de parceria inerentes a relação família escola. Isso aconteceu quando trouxemos a tona os sentidos que família constrói acerca de sua relação com a escola, através dos relatos onde elas esclareceram o tipo de relação que constroem com a escola, o que isso significa para elas, bem como as dificuldades dessa relação. Isso, por sua vez, foi possível na medida em

que priorizamos também criar espaços de diálogo com essas famílias, através das entrevistas realizadas nas visitas, que foram para além das reuniões escolares.

Assim, a partir dos resultados obtidos, algumas questões ainda podem ser pontuadas em estudos e pesquisas futuras, principalmente no que se referem a possibilidades de desconstruir os discursos produzidos pela escola sobre as famílias, repensar sobre os papéis da família e da escola, e problematizar e aprofundar sobre os impactos dessa relação para a escolarização, aprendizagem e desenvolvimento dessas crianças. Além do mais, podemos pensar como a Psicologia Educacional e a Psicologia Social podem intervir nessas questões, que não é só um problema de educação, mas também uma questão histórica, social e cultural.

Essa temática já foi objeto de estudos em outras pesquisas, anteriores a essa, que apontaram questões relevantes, porém com resultados, observações e leituras outras. No entanto, depois desta pesquisa vimos que a parceria da família com a escola, envolve questões que vão para além da simples falta de interesse, e exige intervenções e estudos mais complexos e comprometidos. O diferencial deste estudo teve, como finalidade maior, apontar facetas desse imbrólio família X escola, reposicionar olhares e perspectivas e problematizar, no campo das Psicologias e da ciência, possibilidades de atuar com umas práxis sociais e educacionais mais libertadoras.

Palavras-chave: Família-Escola. Parceria. Psicologia.

REFERÊNCIAS:

- BOTH, A. S. M., CARMEN L. D., JOSÉ F. S. **A Educação, a cultura, o esporte e o lazer para os idosos.** 2005.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** 70. ed. Lisboa: Lda, 2009.
- CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Teacher's professional knowledge landscapes: teacherstories-stories of teacher's- school stories – stories of schools.** Educational Researcher, Washington, v.25, n.3, 2005.
- FARIA FILHO, L. M. **Para entender a relação escola-família:** uma contribuição da história da educação. São Paulo em Perspectiva, 14 (2), 2000.
- GOES, M. C. R. de. (2000). **A natureza social do desenvolvimento psicológico.** In E. Zamboni. Pensamento e linguagem. Estudos na perspectiva da psicologia soviética (3a ed., pp. 21-29). Campinas, SP: Cedes.

JOSÉ FILHO, M. **A família como espaço privilegiado para a construção da cidadania.** 1998. 295 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista .

LEWGOY, ALZIRA M^a. B; ARRUDA, MARIA P. **Novas tecnologias na prática profissional do professor universitário:** a experimentação do diário digital. In: Revista Texto & Contextos. EDIPUCRS. Porto Alegre: 2004.

MINAYO, MARIA CECÍLIA DE SOUZA (org.). **Pesquisa Social.** Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

OLIVEIRA, M. K. de. (s.d.). Vygotsky, **vida e obra.** Recuperado em 26 setembro, 2011.

OLIVEIRA, Marta Kohl de, Vygotsky. **Aprendizado e desenvolvimento: um processo Sócio-histórico.** São Paulo: editora Scipione, 1995.

PATTO, MARIA HELENA SOUZA. **A produção do fracasso escolar:** histórias de submissão e rebeldia. In: A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia. 1987.

PAROLIM, ISABEL. **As dificuldades de aprendizagem e as relações familiares.** Fortaleza, 2003.

PEREZ, M.C.A. **Família e escola na educação da criança:** análise das representações presentes em relatos de alunos, pais e professores de uma escola pública de ensino fundamental. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

PIMENTEL, Alessandra. Vygotsky: uma abordagem histórico-cultural da educação infantil. **Pedagogia (s) da infância: dialogando com o passado, construindo o futuro.** Porto Alegre: Artmed, p. 219-248, 2007.

REGO, TERESA CRISTINA. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação.** Petrópolis, RJ : Vozes, 2011.

SILVA, ALEXSANDRA MARIA SOUSA. **Análise das Implicações Psicossociais Do Protagonismo Para Os Jovens Em Situação De Pobreza.** Dissertação de mestrado, programa de pos- graduação em psicologia universidade federal do ceara-ufc.

SOUZA, Patricia de Lourdes P. de; SILVA, Iliane Medeiros Santos da. **FAMÍLIA E ASSISTÊNCIA SOCIAL: Desafios e Reflexões.** Disponível em: <<http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2016/02/Patricia-de-Lourdes-Pureza-de-Souza.pdf>>. Acesso em: 19 setembro. 2019.

VIGOTSKI, L.S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.